

# uma luz na escuridão

Miriam Alves  
e H.G. Wells

Organização

SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO

GIDEON ALVES ROSA

LUCIA TEREZINHA ZANATO TURECK

UMA LUZ  
NA ESCURIDÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

*João Carlos Salles Pires da Silva*

Vice-Reitor

*Paulo Cesar Miguez de Oliveira*

Assessor do Reitor

*Paulo Costa Lima*



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

*Flávia Goullart Mota Garcia Rosa*

Conselho Editorial

*Alberto Brum Novaes*

*Angelo Szaniecki Perret Serpa*

*Caiuby Alves da Costa*

*Charbel Niño El Hani*

*Cleise Furtado Mendes*

*Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti*

*Evelina de Carvalho Sá Hoisel*

*José Teixeira Cavalcante Filho*

*Maria Vidal de Negreiros Camargo*

Patrocínio:

**Desenbahia**



Agência de Fomento do  
Estado da Bahia S.A.

Apoio:



Miriam Alves  
e H.G. Wells

*uma luz  
na escuridão*

Organização

SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO

GIDEON ALVES ROSA

LUCIA TEREZINHA ZANATO TURECK

Salvador | Edufba | 2015

Direitos para esta edição de *A cega e a negra – uma fábula* cedidos por Miriam Alves a Lucia Tureck. Tradução de *A terra dos cegos, The country of the blind*, de H. G. Wells; obra em domínio público. A edição em língua portuguesa é publicada pela Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma e por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de recuperação de armazenagem de informação sem a permissão da EDUFBA.

Direitos para esta edição cedidos à Edefba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico

*Alana Gonçalves de Carvalho Martins*

Capa e editoração

*Ruan Santos*

Revisão

*Raquel Borges Dias, Stanley Serravalle, Magel Castilho de Carvalho*

---

#### Sistema de Bibliotecas - UFBA

---

Uma luz na escuridão / organização Sílvia Maria Guerra Anastácio, Gideon Alves Rosa, Lucia Terezinha Zanato Tureck. - Salvador, BA : EDUFBA, 2015. 62 p. + 1 CD-ROM (Audiolivro)

Conteúdo: *A cega e a negra* / Miriam Alves - *A terra dos cegos* / H. G. Wells ; tradução do original inglês "The country of the blind" por Sílvia Maria Guerra Anastácio ... [et al.]. Audiolivro acessível em diversos formatos: versão interpretada por atores e outra em MEC Daisy, para pessoas com deficiência visual. ISBN 978-85-232-1310-7

1. Contos brasileiros. 2. Contos ingleses. I. Alves, Miriam. *A cega e a negra*. II. Wells, H. G. *A terra dos cegos*. III. Anastácio, Sílvia Maria Guerra. IV. Título: *A cega e a negra*. V. Título: *A terra dos cegos*.

CDD - 800  
869.3  
823



Editora filiada à



Edefba

Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina  
40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164 | Fax: +55 71 3283-6160  
[www.edufba.ufba.br](http://www.edufba.ufba.br) | [edufba@ufba.br](mailto:edufba@ufba.br)

# Apresentação

O audiolivro *Uma luz na escuridão* reúne dois contos: “A cega e a negra - uma fábula” (2008), da autora brasileira Miriam Alves; e “A terra dos cegos”, tradução do texto “The country of the blind” (1904), do autor britânico H. G. Wells. As histórias abordam, de maneiras diferentes, a temática da cegueira, trazendo para a contemporaneidade discussões instigantes sobre preconceito e acessibilidade. O conto de Wells foi traduzido por pesquisadores do Grupo Tradução, Processo de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Maria Guerra Anastácio. O áudio é resultado de um Projeto Interinstitucional da Universidade Federal da Bahia com a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, este último representado pela especialista em acessibilidade, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Terezinha Zanato Tureck; e entre o Instituto de Letras e a Escola de Teatro da

UFBA, esta última representada pelo Prof. Gideon Alves Rosa. O objetivo do Projeto é enriquecer o mercado de mídias sonoras com audiolivros produzidos a partir da publicação de obras literárias traduzidas para o português, tendo como nicho privilegiado o portador de deficiência visual. Assim, os contos de Wells e Alves foram adaptados e gravados em mídias sonoras, encontrando-se este audiolivro acessível em diversos formatos: além da versão impressa, há também uma versão interpretada por atores e outra em MECDAisy, uma leitura “branca” preparada especialmente para pessoas com deficiência visual.

## **A cega e a negra**

De Miriam Alves

### **Personagens**

Narrador

### **Local**

Banco, Restaurante





# A cega e a negra

Cecília olhava a aranha no teto, espantava o pensamento difuso. Hoje cansara de acrobacias; recusava-se a seguir o seu destino, tecer a própria teia. Encantava-se com o equilíbrio da aranha. Equilíbrio que ela própria achava ter perdido. Fazia uma semana que não via Flora.

Conheceram-se num dia comum. Cecília corria atrasada para pagar uma conta no banco. Previa que de novo aquela maldita porta giratória travaria para ela. Pelo alto-falante, ouviria a voz metálica do segurança dizer: – Tem objetos metálicos? Celular? Chaves? Moedas? Não, não possuía nada disso. Porém, passaria pelo constrangimento de abrir a bolsa e procurar. Ou melhor, fazer-se de quem procura o que não perdeu. Depois, olhando para o segurança apreensivo imporia no rosto um semblante que se traduziria em: “Tô limpa!”

Não entendia por que as portas giratórias não giravam na sua vez de adentrar aos recintos. Passou a não portar mais bolsa, somente o necessário nos bolsos. Mesmo assim, lá vinha a voz do segurança: Tem chave? Guarda-chuva? Celular? Moedas? Objetos metálicos?

Naquele dia rebelara-se, sem paciência para submeter-se mais uma vez ao constrangimento de ser barrada. Fora barrada quase que a sua vida toda. Naquele dia: “O escambau para tudo!”, pensou. Parada à porta do banco, respirou fundo, numa atitude de: É hoje!

Entrou com tudo pela porta giratória. Uma força de romper paredes, levar tudo no peito, na valentona, como dizia sua mãe. A porta não travou, girou na violência. Ela foi lançada para dentro do recinto. O corpo, acostumado ao cotidiano obstáculo, não o encontrando projetou-se no espaço. Tropeçou na bengala de Flora, que saía dominando o ambiente, como se tivesse olhos nos pés. Para não derrubá-la, instintivamente a abraçou. Gesto tido como ameaçador pelos seguranças, que a seguraram com truculência, protegendo o patrimônio bancário e a integridade de Flora.

A aranha agora já tinha tecido geometricamente o centro de seu trabalho-natureza. Flora não poderia ver a aranha tecer, pensou. Mas Flora sentia a vida tecendo destinos. Seu destino. Aparentemente frágil qual o fio da teia, Flora defendeu Cecília contra a incompreensão dos seguranças. Na confusão que se armara, era a única que via com a nitidez dos sábios. Ordenou: “Soltem-na!” “Mas, doutora...”, tentou argumentar o chefe dos seguranças. Palavras ficaram no ar, inconclusas.

Cecília, refeita do susto, desculpou-se com Flora, com a intenção de livrar-se o mais rápido possível da nova situação de constrangimento.

“Espere, eu te ajudo”, disse Flora, dominadora. “Ajudar?” Cecília a olhou, um ser aparentando fragilidade na sua escuridão. Guiaram-na até um assento.

Acalmaram-se. Apesar de não demonstrar, o esbarrão abalara Flora de modo diferente do que fizera com Cecília. O gerente mandou servir cafezinho para a doutora, sinônimo de boa conta, e, sem outra alternativa, também para Cecília.

A aranha no seu crochê incessante ia e vinha tirando de dentro das entranhas a linha para o artesanato ao qual fadava-se para sempre. Cecília pensava

em Flora e naquele dia em que os estigmas delas se encontraram. Refletia: “Para que aquele encontro?” O que sabia é que nunca lhe haviam servido cafezinho no banco. O que sempre a recepcionou foi a voz metálica após a trava da porta giratória. O mundo girava para todos, para ela travava.

A amizade crescera entre elas. Viajavam, passeavam, parecia amizade antiga, prenhe de cumplicidade e camaradagem. Cecília interpretava o mundo da visão para Flora. Fazia-a ver a beleza de um pôr-do-sol derramando-se sobre o mar, com suas cores de mistérios. Interpretava a escuridão da noite com estrelas verdadeiras e falsas – as luzes dos edifícios – misturadas no céu. Às vezes, Flora guardava a bengala-guia e apoiava-se no braço de Cecília e perambulavam pelas calçadas. Ela tinha a sensação de que enxergava através dos olhos da amiga. A solidão da escuridão, naqueles momentos, transformava-se só numa triste lembrança. Dependiam-se. Por sua vez, Cecília livrava-se das travas das portas do mundo. Os porteiros e seguranças, com salamaleques, as abriam envoltos em piedade e puxa-saquismo. Conversavam sobre isso, às vezes, e riam, riam e riam.

Certa feita, jantavam numa dessas cantinas estilo italiano que Flora apreciava tanto. Conversavam sobre

o sabor e o odor das iguarias. Cecília, embalada pelo torpor do vinho, tagarelava à solta, descrevia as pessoas ao redor da mesa. Flora ria como uma criança, redescobria o mundo. A um dado momento, pediu para a amiga guiá-la até o banheiro. Cecília, prontamente, atendeu. Ao passarem por entre as mesas, um freguês do restaurante resolveu interpelar-lhes o caminho. Avançou sobre Cecília como se ela fosse transparente. Já acostumada a isto, preparou-se para sair da frente, dar-lhe passagem, ou seriam atropeladas pelo homem, maior e mais forte que as duas. Colocou seu corpo protegendo o da amiga. Com um discreto meneio de cabeça e comunicação sutil entre olhares, o garçom avisou ao homem que ela guiava uma cega. Desobstruiu o caminho andando de afastado e gesticulando as mãos como quem se desculpa.

A cena se dera na sutileza dos olhares, Flora nada percebera. No entanto, notou que a amiga ao retornar à mesa ficou muda. Aquela alegria de quem estava à vontade desvaneceu. Mais tarde, no carro que pertencia a Flora, mas era dirigido por Cecília, esta lhe contou o ocorrido. Não riu.

Não achou engraçado. Por mais que Flora perguntasse o motivo da tristeza, ela, muda, não revelava.

Nem ela mesma, naquele momento, saberia dizer o turbilhão passado por seus pensamentos.

A aranha, terminando sua teia, parou. Cansada da tarefa árdua a que estava predestinada desde sempre e para o sempre. Dessa teia dependia a sua vida, breve vida das aranhas, tecendo úteis frágeis belezas simétricas, despercebidas na voragem do cotidiano.

Beleza. Era isso! Beleza! Cecília e Flora teceram sua amizade nas teias do viver. Transformaram o destino árduo, os estigmas, como insistia em afirmar Flora, no prazer de ver. Isto! Ver! A aranha supera-se a cada teia, por mais que a simetria dos fios pareça sempre a mesma.

Cecília ligou para Flora: “Alô, descobri o segredo da teia!”

Flora respondeu: “Ainda bem, eu já sabia.”, e emendou: “Almoçamos amanhã.”

## Ficha técnica:

A cega e a negra: uma fábula

Produção e direção  
*Gideon Rosa*

Narração  
*Joana Luiza Schaun Schnitman*

Técnico de áudio  
*Luciano Bahia*

Gravação no Estúdio Luciano Bahia

Versão em MECDaisy  
*Raquel Borges Dias*





## **A terra dos cegos**

De H. G. Wells

### **Personagens**

Narrador

### **Local**

Vale nos Andes Equatoriais



# A terra dos cegos

Nos mais inóspitos e isolados territórios dos Andes Equatoriais, há um vale misterioso, escondido entre as montanhas, distante do mundo: **a Terra dos Cegos**. Há muitos anos, aquele vale ainda era aberto para o mundo. Depois de passar por desfiladeiros tenebrosos e caminhos de gelo, descortinava-se uma visão de campos bem tranquilos. Um dia, lá chegaram os seres humanos: algumas famílias de peruanos mestiços fugindo da cobiça e da tirania de um governante espanhol perverso. Então, uma grande erupção acordou o vulcão Mindobamba e, durante dezessete dias, foi noite em Quito. A água do rio ferveu e todos os peixes mortos chegaram boiando até a cidade de Guayaquil; por toda a parte, ao longo da costa do Pacífico, houve deslizamentos de terra, rápidos degelos e inundações súbitas. Um lado inteiro dos velhos picos das montanhas do Arauca desprendeceu-se e caiu como um trovão,

bloqueando para sempre A Terra dos Cegos. Um desses primeiros colonizadores estava por acaso do outro lado dos desfiladeiros quando o mundo tremeu e ele se viu obrigado a esquecer a mulher, o filho e todos os amigos, também suas posses que tinham ficado lá em cima e resolveu recomeçar a vida naquele outro mundo, lá embaixo. Queria começar uma vida nova, mas ficou doente; foi acometido por uma cegueira e morreu nas minas. Mas a história que ele contou fez nascer uma lenda, que perdura até hoje, em toda a Cordilheira dos Andes.

Ele contou porque se havia aventurado para tão longe, nas costas de uma lhama, junto com um fardo enorme, quando ainda era criança. O vale, disse ele, tinha tudo que um homem poderia desejar: água doce, pastagens, clima ameno, encostas de solo fértil de cor marrom, com um emaranhado de arbustos que davam um fruto excelente; neste vale, nem chovia, nem nevava. Mas havia uma profusão de fontes, que fertilizava as ricas e verdes pastagens, levando a irrigação por todo o vale. Os colonizadores se davam bem por lá. Seus animais se adaptaram e se multiplicaram. Apenas uma única coisa fazia com que aquela felicidade não fosse completa, mas era algo que, realmente, prejudicava a felicidade dessa gente.

Uma estranha doença tinha se abatido sobre eles, fazendo com que, não só todas as crianças ali nascidas – mas também, as outras, mais velhas – ficassem cegas. Foi pensando em procurar um feitiço ou um antídoto contra a praga da cegueira, que ele tinha voltado, morto de cansaço, enfrentando perigos e dificuldades até chegar ao desfiladeiro lá embaixo. Naquela época, em casos assim, os homens não pensavam em vírus ou infecções, mas, sim em pecado. Pareceu-lhe que o motivo de toda essa aflição deveria estar no descaso dos imigrantes que chegaram lá sem levar nenhum padre com eles e não construíram nenhum santuário, quando chegaram ao vale. Queria que fosse construído ali um santuário, belo, simples, mas que as pessoas pudessem frequentar; queria que houvesse ali objetos abençoados, medalhinhas milagrosas e rezas. Eu imagino esse jovem das montanhas, de visão turva, bronzeado, magro e ansioso, segurando, tenso, a aba do seu chapéu; um homem que já não estava mais acostumado com os hábitos do mundo lá de fora. Do resto daquela história infeliz, só ficou a notícia de sua morte terrível, muitos anos depois. Pobre andarilho daquela região tão remota! O riacho, que algum dia tinha ajudado a formar o desfiladeiro, agora jorrava da boca de uma caverna. Essa fábula infeliz e mal contada do

andarilho fez nascer a lenda de uma raça de homens cegos, em algum lugar, “lá adiante”, da qual até hoje se ouve falar.

Entre a pequena população daquele vale, agora isolado e esquecido, a doença se propagou. Contudo, ironicamente, a vida era muito fácil naquele platô rodeado de neve, perdido do mundo. Ali não havia espinhos nem sarças ou animais selvagens, exceto as lhamas dóceis que tinham carregado e levado para a comunidade.

A visão daquelas pessoas foi ficando cada vez mais limitada, a ponto de quase nem notarem quando estavam completamente cegos. Os jovens enxergavam mal, e os recém-nascidos nunca chegaram a ver. Os mais velhos guiavam carinhosamente os jovens cegos por todo o vale, até conseguirem mapear muito bem o lugar, o que permitiu então a sobrevivência da raça, mesmo quando todos perderam a visão. E assim, veio uma geração após a outra. Esqueceram muitas coisas; inventaram outras tantas. Aquele mundo tão grande, de onde tinham vindo, ganhou cores míticas e incertas. Tirando o problema da visão, eram fortes e habilidosos. Logo, nasceu ali alguém muito inteligente, capaz de liderar os outros e, em seguida, surgiu outra pessoa iluminada. Quando morreram, deixaram ali

seus legados. Assim, a pequena comunidade cresceu em número e em sabedoria para enfrentar e resolver os problemas sociais e econômicos que surgiram.

Muitas gerações passaram por ali. Então, quinze gerações depois daquele andarilho que, um dia, deixou o vale para buscar ajuda de Deus e nunca mais voltou; surgiu, nessa comunidade, um homem vindo do mundo exterior. E esta é a sua história.

Era um alpinista de uma região próxima a Quito, que desceu até o mar e conhecia bem o mundo. Um leitor criativo, um homem empreendedor e de inteligência sagaz, que fora contratado por uma equipe de exploradores ingleses para vir ao Equador escalar as montanhas. Escalaram algumas montanhas até que, um dia, tiveram que subir a montanha Paracotpetl, o gigante dos Andes, e então esse homem jamais voltou ao mundo lá de fora. A história do acidente foi escrita dezenas de vezes. A narrativa contada por Pointer é a melhor de todas. Ele conta como a equipe procurou subir certa muralha, quase vertical, até chegar ao sopé mais elevado do último e mais alto dos precipícios; conta como eles construíram um abrigo para descansar à noite, em meio a tanta neve, sobre uma pequena plataforma de pedra; e, em um tom muito dramático, o autor descreve



o momento em que deram falta de Nuñez. Gritaram, mas ninguém respondeu. Não dormiram mais o resto daquela noite. Quando amanheceu, viram as marcas que ficaram da queda de Nuñez. Parecia impossível que ele não tivesse emitido nenhum som. Escorregara por aquele lado, para o leste, rumo à encosta íngreme e desconhecida da montanha; bem abaixo, tinha se chocado com uma grande quantidade de neve e continuou sua descida, em meio a avalanche. O rastro que deixou dava diretamente à beira do abismo e, daí para frente, tudo era mistério. Muito, mas muito abaixo mesmo, quase apagadas pela distância, viam-se árvores espreguiçando-se por todo aquele vale estreito: uma terra perdida, **a Terra dos Cegos**. Até hoje, ainda se consegue ver o cume da montanha Parascotopetl, inexplorada. E o abrigo de Pointer desmoronou, abandonado, no meio da tempestade de neve.

Mas o homem que caiu ali sobreviveu. No final do declive, caiu ainda uns trezentos metros, voando no meio de uma nuvem de neve sobre uma encosta ainda mais íngreme que a primeira de onde caíra lá de cima. Descendo, ele rodopiou, ficou atordoado e perdeu os sentidos, mas sobreviveu, sem um único osso quebrado; e aí vieram outras encostas mais suaves, quando ele, finalmente, parou de rodopiar

e ficou imóvel, enterrado numa massa branca e macia, que o acompanhara e salvara sua vida. Voltou a si com a vaga ideia de que estava doente de cama; então, com a sabedoria própria de um montanhês, deu-se conta de sua situação e, depois de um breve repouso, desvencilhou-se da neve até que conseguiu ver as estrelas. Descansou deitado de bruços, imaginando onde estaria e o que teria acontecido. Examinou seu corpo, viu que muitos dos botões do casaco tinham ficado pelo caminho. Também a faca tinha desaparecido do bolso e o chapéu, mesmo estando amarrado embaixo do queixo, havia sumido. Uma lembrança lhe veio à memória: estava procurando pedras para construir sua parte do abrigo. Achou que devia ter caído e olhou para cima, imaginando a tremenda queda que tinha tomado. Aquela beleza misteriosa e irreal o paralisou por algum tempo.

Muito tempo depois, deu-se conta de que estava em um nível mais baixo, onde ficavam neves perpétuas. Logo abaixo, numa encosta iluminada pela lua, viu uma relva escura e áspera, salpicada de rochas. Mesmo com as articulações e os membros doloridos, lutou para ficar de pé, livrou-se com dificuldade da neve que estava em volta, rumou para baixo até dar num torrão de terra e ali caiu. Jogou-se ao lado de

uma pedra bem grande, bebeu toda a água do cantil que levava no bolso e, instantaneamente, adormeceu.

Foi acordado pelo cantar dos pássaros nas árvores. Sentou-se e percebeu que estava num pequeno monte ao pé de um imenso precipício, que dava num desfiladeiro de onde ele e um monte de neve tinham caído. À sua frente, erguia-se, na direção do céu, outra parede de rocha. O desfiladeiro entre o precipício atravessava de um lado a outro, ao oeste. Tudo ali estava mergulhado na luz da manhã que acordava e iluminava do lado oeste, uma massa de montanha que tinha deslizado e fechava o desfiladeiro.

Procurou se orientar, virou o rosto para o alto do desfiladeiro, pois tinha observado que dava em prados verdes, onde conseguiu vislumbrar, nitidamente, um grupo de cabanas de pedra, que tinha uma forma estranha. Andava tão lentamente, como se estivesse escalando uma parede; após algum tempo, o sol parou de brilhar sobre o desfiladeiro, o canto dos pássaros desapareceu, lá longe, o frio e a escuridão o envolveram. Assim, aquele vale distante, com suas casas, brilhava para ele, cada vez mais forte. Após algum tempo, chegou ao talude.

Por volta do meio-dia, saiu finalmente da garganta do desfiladeiro para alcançar o planalto e a luz do sol.

Estava exausto, e com os membros rígidos; sentou-se à sombra de uma rocha, encheu o cantil com água de uma fonte para beber, descansando um pouco, antes de ir em direção às casas.

Pareciam-lhe muito estranhas; na verdade, todo aquele vale parecia estranho, quando o contemplava. Cada vez mais estranho e menos familiar. A maior parte da área era um campo verde e exuberante, cheio de flores bonitas, irrigado com muito cuidado e que dava a impressão de que as pessoas que moravam ali cultivavam sistematicamente aquela terra.

As cabanas, que aparentemente eram abrigos ou manjedouras para as lhamas, ficavam perto da muralha, que se estendia por toda a parte. Os canais de irrigação corriam até se juntarem no canal principal, que ia dar no centro do vale, logo abaixo, e era cercado, de cada lado, por um muro que batia na altura do peito. Esse sistema de irrigação dava um estranho aspecto urbano a esse lugar tão recluso, característica realçada pela presença de vários caminhos projetados de maneira bem organizada e que davam para toda a parte, pavimentados com pedras brancas e pretas. Cada um desses caminhos era delimitado por um pequeno e estranho meio fio. As casas da aldeia central eram bem diferentes

da aglomeração em geral das aldeias nas montanhas, que conhecia; as casas formavam uma fileira contínua, de ambos os lados de uma rua central, surpreendentemente limpa. Aqui e ali, nas fachadas meio coloridas das casas, havia uma porta e nenhuma janela quebrava a uniformidade daquela fachada. As casas não tinham o mesmo colorido, manchadas com um tipo de gesso, que ora parecia cinza, ora pardo, ora cor de ardósia ou castanho-escuro. Foi a visão desse reboco estranho que, pela primeira vez, levou o explorador a pensar na palavra “cego”. “O bom homem que fez isso”, pensou Nuñez, “não enxerga um palmo diante do nariz.”

Desceu um monte, chegando à muralha e ao canal que corriam em volta do vale. Perto dela, o canal despejava um excesso de água nas profundezas do desfiladeiro, formando uma cascata fina e trêmula.

Conseguia ver alguns homens e mulheres. Lá adiante, na relva mais próxima da aldeia, havia algumas crianças deitadas e, mais perto ainda, três homens carregando baldes em varas que levavam no ombro.

Seguiam em fila, um atrás do outro. Andavam devagar e bocejavam, como se tivessem ficado acordados a noite toda. Tinham um jeito tão acolhedor,

de pessoas bem sucedidas e respeitáveis que, depois de hesitar por um momento, Nuñez ficou em pé na rocha de propósito para ser visto e deu um grito que ecoou por todo o vale.

Os três homens pararam, viraram a cabeça como se estivessem procurando alguma coisa, por perto. Viraram o rosto para lá e para cá, enquanto Nuñez gesticulava animadamente. Mas não pareciam vê-lo. Apesar de todos os gestos que ele fazia e, depois de algum tempo, virando-se para a montanha lá longe, à direita, gritaram de volta. Nuñez berrou de novo, e, enquanto gesticulava mais uma vez, sem resultado, a palavra “cego” veio bem clara na sua cabeça.

Por fim, depois de muita gritaria e impaciência, Nuñez atravessou o córrego passando por uma pequena ponte, depois por um portão, e se aproximou deles. Então, teve a certeza de que eram cegos. Sabia que essa era **a Terra dos Cegos** da qual falavam as lendas. Essa convicção tomou conta dele, sendo também contagiado por um grande e invejável espírito de aventura. Os três homens estavam ali parados um do lado do outro; não olhando para ele, mas voltando seus ouvidos na direção dele, medindo-o através de seus passos que não eram nada familiares.

Estavam bem perto um do outro, como se estivessem um tanto amedrontados e Nuñez viu que as pálpebras deles eram fechadas e fundas, como se o próprio globo ocular tivesse se contraído. Havia quase que uma expressão de temor em cada rosto.

Um deles disse:

“Um homem. É um homem – um homem ou um espírito – que desceu das rochas”.

Mas Nuñez avançou com passos confiantes de um jovem que ainda está começando a vida, e um velho provérbio lhe ocorreu, como se fosse um refrão:

“Em Terra de Cego, Quem Tem Olho é Rei”.

“Em Terra de Cego, Quem Tem Olho é Rei!”

Cumprimentou-os, muito educadamente. Falou com eles, fitando-os nos olhos.

Um deles perguntou: “De onde vem ele, irmão Pedro?”

“Desceu das rochas”, respondeu o outro.

Nuñez retrucou, dizendo: “Venho do outro lado das montanhas, além desse país, e muito além dessas montanhas; lá onde os homens conseguem enxergar. Perto de Bogotá, onde há centenas de milhares de

peessoas e não se consegue abarcar toda a cidade num piscar de olhos”.

“Olhos?” Pedro murmurou. “Olhos?”

O segundo cego disse: “Ele vem das rochas”.

Nuñez notou que o tecido dos casacos daqueles homens tinha um estilo curioso, cada um com um tipo de costura diferente. Assustaram-no quando, ao mesmo tempo, se viraram para ele, todos com as mãos estendidas. Afastou-se daquelas mãos abertas, que se aproximavam dele.

O terceiro cego disse: “Vem cá!”, seguindo Nuñez e agarrando-o com jeito.

Seguraram Nuñez e o apalparam, sem dizer uma única palavra.

Nuñez gritou: “Cuidado!” Um deles colocou um dedo em seu olho e foi então que se deu conta de que achavam estranho o movimento de suas pálpebras. Seus dedos continuaram tocando e explorando Nuñez.

“É uma criatura estranha, Correa”, disse Pedro. “Sentam como o seu cabelo é áspero. É como o pelo das lhamas”.

“É áspero como as rochas de onde ele veio”, disse Correa, investigando, com suas mãos macias



e ligeiramente úmidas, o queixo de Nuñez, que estava com a barba por fazer”. Talvez ele melhore, com o tempo, no futuro”.

Nuñez tentou escapar, mas o seguraram com firmeza.

“Cuidado!”, gritou novamente!

O terceiro homem disse: “Ele fala. Claro que ele é um homem.”

“Hã”, disse Pedro ao sentir a aspereza do casaco de Nuñez.

Pedro perguntou: “E aí, você veio para o mundo?”

Nuñez respondeu: “Vim do mundo que fica lá fora, para além das montanhas e das geleiras, logo acima, lá da direção do sol. Saí daquele mundo enorme, que fica para o lado do mar, levei doze dias viajando”.

Pareciam ignorá-lo. “Nossos pais contaram que os homens podem ter sido criados pelas forças da natureza”, disse Correa. “Pela força do calor, da umidade e da podridão... podridão.”

“Vamos levá-lo aos anciãos”, disse Pedro.

“Avise primeiro,” disse Correa, “para que as crianças não fiquem com medo”. É uma grande ocasião.

E assim foi feito. Pedro foi na frente e pegou Nuñez pela mão para levá-lo até as casas. Nuñez, no entanto, puxou sua mão de volta e disse: “Eu consigo enxergar!”

“Enxergar?”, indagou Correa.

“Sim, enxergar”, Nuñez respondeu. Virando-se para Correa, tropeçou no balde de Pedro.

“O sentido de orientação dele ainda deixa a desejar”, disse o outro cego. “Ele tropeça e diz palavras sem sentido. É melhor levá-lo pela mão”.

Nuñez respondeu: “Como vocês quiserem”. Sorriu, deixando-se conduzir pela mão. Aquela gente parecia não saber o que significava enxergar. Mas, no momento certo, ensinaria a eles o que era enxergar.

Ouviu algumas pessoas gritando e viu outras se reunindo na rua principal da aldeia. Notou que aquele primeiro contato com os habitantes da Terra dos Cegos o havia deixado mais nervoso e impaciente do que tinha previsto. O lugar parecia maior e, à medida que se aproximava, as cores das casas ficavam mais estranhas e uma multidão de crianças, de homens, mulheres – muitos deles tinham até um rosto bem bonito, o que o agradou, apesar dos olhos fechados e fundos. Todos se aproximaram dele, segurando-o,

tocando-o com as mãos suaves e sensíveis, cheirando Nuñez e ouvindo cada palavra que ele dizia.

Os três que o guiavam estavam bem perto dele como se dominassem a situação. Ficavam falando e repetindo: “Um homem selvagem que veio das rochas.”

E Nuñez dizia: “De Bogotá. De Bogotá.”

Pedro respondeu: “Um homem selvagem, que fala como um selvagem. Vocês ouviram isso: Bogotá? A sua mente ainda está se desenvolvendo. Está aprendendo a falar”.

Um garotinho beliscou a mão de Nuñez e disse: “Bogotá!” Em tom de gozação.

Nuñez gritou: “Vim de uma cidade diferente da aldeia de vocês; vim do grande mundo lá fora, onde os homens têm olhos e enxergam”.

“O nome dele é Bogotá”, diziam. “Ele tropeçou”, disse Correa;

Eles disseram: “Levem-no até os anciãos!”

De repente, empurraram-no por uma porta, para dentro de uma sala escura como breu, onde brilhava, bem fraca, uma fogueira, ao fundo. A multidão bloqueou o caminho atrás dele.

Antes que pudesse evitar, Nuñez caiu aos pés de um homem sentado. Seu braço, estendido, bateu no rosto de alguém quando ele caiu; sentiu o toque macio de um rosto perto dele e ouviu um grito de raiva; e, por um momento, lutou contra várias mãos que o agarravam. Era uma luta desigual. Deu-se conta da situação difícil que se encontrava e ficou quieto.

Nuñez disse: “Caí; não consegui enxergar com toda essa escuridão...”

Houve uma pausa, como se o resto da multidão em torno dele tentasse entender suas palavras.

Então a voz de Correa ecoou. “Ele acabou de nascer. Tropeça quando anda e fala palavras confusas, que não significam nada.”

Nuñez perguntou: “Posso levantar? Posso levantar?” E depois de uma pausa, continuou: “Não vou lutar contra vocês de novo.”

Confabularam entre si e deixaram Nuñez se levantar.

A voz de um homem mais velho começou a lhe fazer perguntas e Nuñez se viu tentando explicar como era o grande mundo de onde tinha caído; falou do céu e das montanhas e de outras tantas maravilhas

àqueles anciãos sentados no escuro, na Terra dos Cegos. Não acreditaram, nem entenderam o que Nuñez queria dizer, e com isso Nuñez não contava. Nem sequer compreendiam muitas palavras do que ele dizia.

Durante catorze gerações, essas pessoas tinham vivido às cegas, isoladas do mundo da visão; tinham esquecido todos os nomes relacionados, de alguma maneira, com a visão. A história do mundo lá fora foi se apagando até virar nada mais do que uma história infantil. Tinham deixado de se preocupar com qualquer coisa que houvesse além das encostas rochosas em volta de seus muros.

Haviam nascido ali pessoas que eram muito inteligentes e passaram a se questionar a respeito de suas antigas crenças e tradições, que remontavam aos tempos em que podiam enxergar. Deixaram de lado todas essas coisas como se fossem fantasias bobas.

Pouco a pouco, Nuñez percebeu que a expectativa de ser admirado e reverenciado pela sua origem e por seus dons não se confirmaria. Foi uma tentativa inútil de explicar a eles o que era a visão. Achavam que era uma história confusa de alguém que parecia ter acabado de nascer.

Contudo, acabou se conformando, desanimado, e resolveu seguir as ordens daquela gente.

O cego mais velho falou para ele sobre a vida, a filosofia e a religião.

O ancião contou como o tempo tinha sido dividido em quente e frio, o equivalente, para aqueles cegos, ao dia e à noite. E como era bom dormir quando fazia calor e trabalhar quando estava frio. De modo que, se ele não tivesse chegado, toda a cidade estaria dormindo.

Diante disso, o ancião disse que já era muito tarde da noite – pois os cegos chamam de noite o que é dia – então, todos deviam ir para casa dormir. Perguntou a Nuñez se sabia dormir e ele respondeu que sim, mas que desejava comer antes de dormir. Trouxeram-lhe comida – leite de lhama numa tigela e pão duro salgado – levaram-no a um lugar onde ficaria sozinho para que não o ouvissem comer e depois deveria dormir até que o frio da noite, na montanha, o acordasse para então recomeçar seu dia.

Mas Nuñez não conseguiu dormir.

Em vez disso, sentou-se no lugar em que o tinham deixado, descansando o corpo e remoendo em sua mente os acontecimentos inesperados de sua chegada

Ainda estava pensando quando o sol se pôs.

Nuñez sabia apreciar a beleza das coisas e achou que o brilho daqueles campos cobertos de neve e das geleiras em volta do vale era a coisa mais bela que tinha visto. Seus olhos passaram daquela beleza incrível para a aldeia e para os campos irrigados, que mergulhavam rapidamente no crepúsculo. De repente, foi tomado por uma onda de emoção e deu graças a Deus, do fundo do coração, por ser capaz de enxergar.

Ouviu uma voz vinda da aldeia, chamando por ele: “Ei, Bogotá! Chegue aqui!”

Ao ouvir esse chamado, levantou-se sorrindo. Ia mostrar a essa gente, de uma vez por todas, como era importante o ser humano enxergar. Iriam procurá-lo, mas não o achariam.

“Não se mexa, Bogotá”, disse a voz.

Nuñez riu baixinho. E deu dois passos para fora da trilha, sem ninguém ver.

A voz continuou: “Não pise na relva, Bogotá. É proibido.”

Nunez mal tinha ouvido o próprio ruído e então parou, espantado. O dono daquela voz prosseguiu caminho acima, em direção a Nuñez.

Nuñez retomou o caminho e disse: “Estou aqui.”

O cego disse: “Por que não veio quando chamei? Você precisa ser conduzido por toda a parte como uma criança? Não consegue se ouvir percorrendo o caminho, enquanto anda?”

Nuñez deu risada: “Eu consigo enxergar o caminho.”

“Enxergar. Não existe essa palavra enxergar”, falou o cego, depois de uma pausa. “Pare com essa loucura e siga o barulho dos meus passos.”

Passaram quatro dias e, no quinto, o Rei dos Cegos ainda estava incógnito entre eles, como um estranho, desajeitado e inútil, no meio dos seus súditos.

Nuñez percebeu que era muito mais difícil proclamar-se rei daquela gente do que havia pensado, mas, enquanto refletia sobre o golpe de estado que pretendia dar resolveu obedecer a eles, aprender os modos e costumes da Terra dos Cegos. Achou que a ideia de trabalhar e andar durante a noite era muito cansativo e assim, decidiu que esta era a primeira coisa que ele iria mudar.



Os habitantes da Terra dos Cegos levavam uma vida simples e laboriosa, abençoados pelo que acreditavam ser a virtude e a felicidade. Eles trabalhavam muito, mas não demais; tinham alimento e roupa suficientes para atender às suas necessidades; também alguns dias livres e períodos de descanso; adoravam música e cantar; amavam-se entre si e também eram carinhosos com as crianças.

Era maravilhoso ver com que confiança e precisão administravam aquele mundo tão organizado. Tudo ali tinha sido projetado para atender às suas necessidades: daquela área do vale os caminhos se irradiavam, mantendo entre si um ângulo constante; todos os métodos e procedimentos que adotavam tinham sido naturalmente desenvolvidos para atender às suas próprias necessidades.

Os sentidos tinham se aguçado: podiam ouvir e distinguir os menores gestos de um homem a uma dezena de passos de distância – podiam ouvir até mesmo as batidas de seu coração. A entonação para eles há muito tempo tinha substituído a comunicação através de expressões faciais, assim como o toque tinha substituído o gesto.

Sentiam-se confiantes e à vontade para trabalhar com jardinagem, usando a enxada, a pá e o ancinho.

O sentido do olfato que tinham desenvolvido era extremamente poderoso e conseguiam distinguir quem era cada um deles tão rápido quanto um cão é capaz. Cuidavam, com tranquilidade e segurança, das lhamas que viviam nas rochas lá em cima e vinham para a muralha em busca de comida e abrigo. Foi só quando, finalmente, Nuñez procurou se impor naquele lugar, que descobriu como os movimentos deles eram suaves e confiantes.

Rebelou-se após ter se comportado de modo persuasivo em relação a eles. Tentou, a princípio, em várias ocasiões, falar sobre a visão. “Olhem aqui, pessoal”, disse ele. “Tem coisas em relação a mim que vocês não entendem.”

Uma ou duas vezes, um ou dois deles prestaram atenção: sentaram-se com o rosto inclinado e os ouvidos atentos, voltados para ele, e Nuñez fez o possível para lhes explicar o que significava enxergar e eles o ouviam, divertidos, e com alguma incredulidade, mas logo começaram a criticá-lo.

Disseram-lhe que ali não havia, de fato, nenhuma montanha, mas que, o lugar onde havia rochas para as lhamas pastarem seria, na verdade, o fim do mundo; dali vinha o teto cavernoso do universo, de onde caía o orvalho e as avalanches de neve; e quando

sustentou, com firmeza, que o mundo não tinha fim nem teto algum, como supunham, disseram que ele tinha ideias sinistras.

À medida que ia descrevendo o céu, as nuvens e as estrelas, tudo que não fosse aquele teto liso em que acreditavam parecia um terrível vazio - era uma questão de fé para eles que o teto da caverna teria que ser suave ao toque. Notou que, de alguma maneira, os havia chocado e desistiu daquele assunto por completo, tentando então mostrar-lhes o valor da visão.

Então Nuñez os convenceu a deixá-lo caminhar na direção daqueles prados que iam dar na muralha, indo ainda mais longe; iria acompanhado por um voluntário. A ele, Nuñez prometeu descrever tudo o que visse naquelas casas. Notou pessoas indo e vindo, mas as coisas que realmente pareciam ter algum significado para essas pessoas aconteciam dentro ou atrás daquelas casas sem janelas – observaram seu comportamento como se quisessem testá-lo – e sobre algumas coisas ele não podia ver, ou dizer nada; e foi após o fracasso dessas tentativas e daquelas pessoas zombarem dele que acabou recorrendo à força.

Pensou em pegar uma pá e, de repente, derrubar a golpes um ou dois deles; assim, através de um combate

justo, iria mostrar-lhes a vantagem de ver com os olhos. Foi adiante com essa ideia até pegar a pá, mas então descobriu uma coisa: que era impossível bater num cego a sangue frio.

Hesitou e, então, descobriu que todos haviam notado que ele apanhara a pá. Ficaram em posição de alerta, com a cabeça virada para o lado, e as orelhas inclinadas na direção dele para saber o que faria em seguida.

“Abaxe essa pá!”, disse um deles e Nuñez ficou horrorizado. Sentiu-se impotente. Quase assumiu uma posição de subserviência.

Então, empurrou um deles para trás, contra a parede de uma casa, e fugiu para fora da aldeia passando por ele. Atravessou os campos, deixando atrás de si um rastro de grama que esmagara com seus pés, mas após alguns instantes, sentou-se à margem de um dos caminhos.

Sentiu aquela força que acomete todos os homens no início de uma luta, mas então ficou perplexo. Começou a perceber que uma pessoa não consegue lutar com vontade contra criaturas que estão em um nível mental diferente do seu.

Ao longe, viu um grupo de homens carregando espadas e paus, avançavam devagar, falando uns com os outros, de instante em instante, toda a fileira parava, cheirava o ar e ouvia. Da primeira vez que fizeram isso, Nuñez riu. Mas depois, não achou mais graça.

Um deles percebeu a trilha que marcara na grama, ao caminhar, e veio se inclinando em sua direção, sempre sentindo o caminho por onde passava.

Durante cinco minutos, observou aquela fila que se movia lentamente, e então, sentiu uma vontade horrível de fazer alguma coisa. Levantou-se, lá estavam todos, numa meia-lua, parados e ouvindo.

Ele também ficou parado, segurando a pá, muito firme, com ambas as mãos. Deveria atacá-los?

A pulsação que podia sentir em seus ouvidos batia num ritmo, que dizia: “Em terra de cego, quem tem olho é rei, em terra de cego, quem tem olho é rei, em terra de cego, quem tem olho é rei!”.

Deveria atacá-los?

Então, seus perseguidores se aproximavam em fila. Por trás deles, vinham outros que agora saíam da rua de suas casas. Deveriam atacá-los?

“Bogotá! Bogotá!”, um deles gritou. “Onde está você?”

Agarrou a pá com mais força e avançou pelo campo em direção às habitações. Assim que se moveu, todos correram para cima dele.

“Eu juro, que vou bater neles se tocarem em mim”, ele jurou. “Por Deus, que vou. Eu vou bater.” Ele gritou em voz alta: “Olha aqui, vou fazer o que eu quiser neste vale! Ouviram? Vou fazer o que quiser e vou aonde eu quiser e bem entender!”

Moviam-se em sua direção, procurando-o às cegas, mas andando rápido.

“Peguem-no!” gritou um deles. Encontrou-se, então, na mira de alguns perseguidores dispersos. Sentiu, de repente, que deveria ser mais ativo e decidido.

“Vocês não entendem”, ele gritou, numa voz que deveria ter soado forte e confiante, mas que perdera a força.

“Bogotá! Bogotá! Largue essa pá e saia da grama!”

“Vocês são cegos e eu posso enxergar. Deixem-me sozinho!”

A última ordem, completamente sem importância e, ao mesmo tempo familiar, causou-lhe uma onda de raiva.

“Eu vou lhe machucar!”, disse Nuñez, soluçando de emoção. “Meu Deus, eu vou lhe machucar! Me deixa em paz!”

Começou a correr, sem saber exatamente para onde. Correu do cego que estava mais próximo porque seria um crime bater nele. Parou, e então, tentou escapar do cerco que se fechava ainda sobre ele. Tentou passar por uma brecha bem grande e os homens de cada lado, assim que ouviram seus passos, correram para ficar enfileirados um ao lado do outro. Nuñez saltou para frente e sentiu que tinha sido capturado. Então... bam!

Atingiu um cego com uma pá. Sentiu o baque suave de uma das mãos e um braço. Passou!

Os cegos, girando suas estacas e suas pás, corriam com rapidez para lá e para cá.

Ouviu passos atrás dele. Encontrou um homem alto, correndo para frente e dando golpes, na direção de onde vinha o som de seus movimentos. Perdeu a paciência e atirou a pá a quase um metro do seu

rival. Virou-se e fugiu, gritando muito, enquanto se esquivava de outro cego.

Estava em pânico e saiu correndo. Lá longe, na muralha arredondada, que circulava a vila, podia-se ver uma portinhola que parecia dar no paraíso. Correu, desenfreado, naquela direção. Nem sequer olhou para seus perseguidores até chegar lá na portinhola. Nuñez deitou, soluçando, como se estivesse tomando fôlego.

E assim terminou o seu golpe de estado!

Ficou do lado de fora da muralha do vale dos cegos durante dois dias e duas noites, sem comida, sem abrigo, e meditou sobre o Inesperado.

Pensou especialmente em maneiras de lutar contra aquelas pessoas e conquistá-las, mas lhe parecia cada vez mais evidente que não havia jeito mesmo.

No segundo dia, ficou apavorado e teve acessos de tremor. Finalmente, arrastou-se até a muralha da Terra dos Cegos, onde tentaria fazer as pazes com aquela gente. Arrastou-se pelo córrego, gritando, até que dois cegos saíram e foram ao portão falar com ele.



“Eu estava louco, mas tinha acabado de nascer”, disse Nuñez.

Então, concordaram que era melhor ele agir assim. Ele próprio admitiu que agora estava mais esperto e que se arrependia de tudo o que tinha feito. Então chorou sem querer, pois estava muito fraco e doente, o que eles acharam que era um bom sinal.

Esperava receber castigos terríveis, mas aqueles cegos eram tolerantes. Consideravam sua rebelião apenas como prova de tolice e inferioridade. Depois de o terem açoitado, mandaram que fizesse o trabalho mais simples e mais pesado que havia, e ele, sem ter outro jeito, resolveu obedecer tudo o que lhe mandavam.

Ficou alguns dias doente e cuidaram dele com carinho. Tudo isso fez com que ficasse ainda mais submisso. Mas insistiram que ficasse no escuro, o que foi para ele uma grande tristeza. Vieram uns filósofos cegos para lhe dizer que sua mente era leviana e pecadora. Repreenderam-no tanto por haver duvidado da existência daquela tampa de pedra que cobria a panela cósmica, que quase duvidou se, de fato, não tinha sido vítima de alucinação por não ser capaz de ver tudo isso lá em cima.

Assim, Nuñez tornou-se cidadão da Terra dos Cegos, enquanto que o mundo para além das montanhas se tornava cada vez mais distante e irreal.

Tinha também Jacó, seu mestre, um homem que era bondoso quando não estava irritado; tinha Pedro, sobrinho de Jacó, e Medina-Saroté, a filha mais nova de Jacó.

Ela era pouco apreciada na Terra dos Cegos porque tinha traços bem definidos, sem aquela suavidade que, para o cego, representa o ideal de beleza feminina. Mas Nuñez achou-a linda logo à primeira vista, e agora acreditava ser a coisa mais linda que já vira.

Suas pálpebras não eram fundas, nem avermelhadas, como as do resto das pessoas daquele vale, mas davam a impressão de que poderiam abrir a qualquer momento; e ela tinha cílios longos, que eram tidos por eles como um grave defeito. Sua voz, suave, não era bem aceita pelos jovens daquele vale, que tinham um ouvido tão apurado. Por isso, não tinha namorado.

Chegou um momento que Nuñez pensou que, se pudesse conquistá-la, ele aceitaria viver no vale para sempre. Ele a observava; não perdia a oportunidade

de ajudá-la sempre que podia e logo descobriu que ela também o observava.

Uma vez, quando se encontraram num dia de descanso, sentaram lado a lado, à luz das estrelas. A música era doce. Pegou com sua mão a mão dela e se atreveu a apertá-la. E ela retribuiu aquele gesto com carinho. Um dia, à noite, durante a refeição, sentiu a mão dela procurando suavemente a sua, e, por acaso, uma labareda da fogueira fez com que visse como o seu rosto era delicado.

Tentou falar com ela. Foi até Medina-Saroté, quando ela estava sentada à luz do luar, numa noite de verão. O luar refletindo sobre ela lhe deu um tom prateado de mistério. Sentou aos seus pés e disse que a amava, que era muito bonita. Com a voz suave como a de um homem apaixonado, falou com ela de forma carinhosa, quase como se estivesse venerando, e ela nunca tinha sido adorada assim antes. Não deu a ele nenhuma resposta definitiva, mas ficou claro que apreciara suas palavras.

Depois disso, falava com ela sempre que tinha chance. Aquele vale passou a ser o seu mundo. O que havia além das montanhas, onde os homens viviam, cada vez lhe parecia mais um conto de fadas que,

um dia, iria compartilhar com ela. Com hesitação e timidez, contava a ela tudo o que conseguia ver.

Para ela, a visão parecia uma fantasia, cheia de poesia. Escutava quando descrevia as estrelas, as montanhas e sua própria beleza radiante. Sentia-se, ao mesmo tempo, satisfeita e culpada. Não acreditava e só conseguia entender apenas parte do que ele dizia; não sabia explicar, mas ficava encantada com tudo o que ouvia e Nuñez tinha a impressão de que ela entendia tudo.

O amor de Nuñez perdeu o tom de reverência e ganhou coragem. Logo, pensou em pedir sua mão em casamento a Jacó e aos anciãos, mas ela ficou com medo e acabou adiando o pedido.

Houve, desde o início, uma oposição muito grande ao casamento de Nuñez e Medina-Saroté; Suas irmãs se opuseram veementemente, pensando que aquela união iria desonrar todos eles; e o velho Jacó, embora tivesse se afeiçoado por aquele seu criado desajeitado e obediente, balançou a cabeça e disse que aquilo não podia acontecer.

Os jovens ficaram irritados só de pensar na possibilidade de ver sua raça corrompida. Um deles chegou a xingar e agredir Nuñez, que teve que se

defender. Então, pela primeira vez, descobriu que, naquele vale, tinha pelo menos uma vantagem em enxergar: mesmo no crepúsculo, e depois que a luta terminou, ninguém mais quis levantar um dedo contra ele. Mas ainda achavam impossível o casamento dele com Medina-Saroté.

O velho Jacó tinha um carinho especial por sua filha caçula e não queria vê-la chorando no seu ombro.

“Sabe, minha querida, ele é um idiota. Sofre de delírios e não consegue fazer nada direito”, disse o velho Jacó.

“Eu sei”, chorou Medina-Saroté. “Mas ele está melhor do que antes. Está melhorando a cada dia. E ele é forte, meu pai querido, e é bom, mais forte e mais gentil do que qualquer um. E ele me ama, meu pai; e eu o amo também”.

O velho Jacó ficou muito preocupado ao ver que ela estava inconsolável e, além disso – o que tornava a situação ainda mais angustiante – ele gostava de Nuñez por vários motivos. Então Jacó foi sentar-se com os outros anciãos naquela sala do conselho que não tinha janelas. Ficou observando o rumo que tomava a conversa e disse, no momento que achou conveniente:

“Ele está melhor do que antes. É bem provável que, algum dia, seja tão saudável quanto nós”.

Em seguida, um dos anciãos, que sabia pensar como ninguém, teve uma ideia. Era um grande médico da comunidade, um curandeiro; tinha uma mente filosófica e criativa, por isso, queria curar Nuñez de suas esquisitices. Um dia, em que Jacó estava presente na reunião, ele tocou novamente no assunto.

“Examinei Nuñez, e o caso me pareceu mais claro. Acho bem provável que ele possa ser curado”.

“É o que eu sempre esperei”, disse Jacó.

“O cérebro dele está afetado”, disse o médico cego.

Os anciãos murmuraram, concordando.

“Agora, o que é que o está afetando?”

“Ah!”, disse o velho Jacó. “Sim?”

“Isso”, disse o médico, respondendo à própria pergunta. “Essas coisas estranhas, que chamam de olhos, e que provocam uma leve depressão no rosto, no caso de Nuñez, estão todos doentes, chegando até a afetar o cérebro. Os olhos dele são muito esticados e têm cílios, têm pálpebras que estão sempre batendo; por isso, o cérebro fica sempre num estado de constante irritação e também de distração”.

“Sim?”, disse o velho Jacó. “Sim?”

“E eu acho que posso afirmar, com certeza que, para curá-lo completamente, o que precisamos fazer nele é uma cirurgia simples e fácil, ou seja, remover essas coisas que causam mal estar” respondeu o velho médico.

“Graças aos Céus que a ciência vai dar jeito nisso!” disse o velho Jacó e foi logo contar a Nuñez essa boa nova.

Mas Nuñez recebeu a boa notícia com tanta frieza, que ele ficou decepcionado.

“Posso pensar?”, disse ele.

“A julgar pelo seu tom, que você não se importa com a minha filha...”

Foi Medina-Saroté quem convenceu Nuñez a enfrentar os cirurgiões cegos. “Você quer que eu perca o meu dom da visão?”, disse Nuñez.

Ela fez que sim com a cabeça.

“Os meus olhos são o meu mundo”.

Ela baixou a cabeça.

“Existem coisas belas. Só para ver você já vale a pena enxergar, para ver seu rosto delicado, sereno,

seus belos lábios, suas mãos tão bonitas entrecruzadas... São esses meus olhos que você conquistou, esses olhos que me prendem a você e que esses idiotas querem tirar de mim. Em vez disso, só vou poder tocar você, lhe ouvir e nunca mais ver você. Vou ter que aceitar que existe aquele teto feito de rocha e pedra e trevas, aquele teto horrível, que limita a imaginação... Não, não você não quer que eu faça isso, quer?”

Uma dúvida cruel lhe ocorreu. A pergunta ficou no ar.

“Eu gostaria, eu gostaria às vezes...”, ela fez uma pausa.

“Sim?”, disse ele, um tanto apreensivo.

“Eu queria, às vezes, que você não falasse desse jeito”.

“Assim como?”, disse ele.

“Eu sei que é muito bonito, é a sua imaginação. Eu adoro, mas agora...”

Ele gela. “Agora?”, disse ele baixinho.

Ela sentou-se, quieta.



“Você quer dizer... Você pensa... Que eu deveria ser melhor, talvez, melhor...”

Ele estava entendendo tudo, rapidamente. Ficou com raiva, talvez, raiva daquele seu destino sem perspectiva, mas também pena da falta de compreensão dela – uma pena próxima da piedade.

“Querida”... Disse ele, e podia ver, pela palidez de sua pele, como ela lutava contra o que não conseguia falar. Passou o braço em volta dela, beijou-lhe a orelha e sentaram-se por algum tempo, em silêncio.

“E se eu concordasse com isso?”, disse finalmente, numa voz muito gentil.

Envolveu-o, com seus braços, chorando muito. “Oh, se você concordasse...”, ela soluçou, “se você pelo menos concordasse!”

Durante toda a semana antes da operação, que o elevaria da condição de servidão e inferioridade ao nível de um cidadão cego, Nuñez não soube o que era dormir e, em todas as horas, ao calor do sol, enquanto os outros dormiam felizes, ele ficava sentado, refletindo, ou andando sem rumo, tentando fazer com que sua mente conseguisse enfrentar aquele dilema. Já tinha dado a sua resposta, concordando, e ainda não tinha certeza do que fazer. Finalmente,

quando terminou aquela última noite de trabalho e o sol havia nascido, com toda a sua majestade, sobre os picos dourados, seria então o seu último dia de visão. Passou alguns minutos com Medina-Saroté antes dela dormir.

“Amanhã”, disse ele, “não vou mais enxergar”.

“Meu querido!”, respondeu ela e apertou as mãos dele com toda a força.

“Eles vão machucar você, mas pouco”, disse ela, “e você está enfrentando essa dor, está passando por isso, meu querido, tudo isso por mim. Querido, tudo que o amor e a vida de uma mulher dedicada puderem fazer por alguém, tenha certeza que vou fazer para recompensar você. Meu querido, meu querido, vou recompensá-lo”, disse com sua voz terna.

Nuñez sentiu pena de si mesmo e dela também.

Abraçou-a, bem apertado, e a beijou nos lábios; olhou para o seu rosto doce, pela última vez. “Adeus...” Enquanto olhava para aquele rosto tão querido, sussurrou: “Adeus!”

E então, em silêncio, afastou-se dela.

Podia ouvir seus passos lentos, afastando-se dela, e havia alguma coisa no ritmo daqueles passos que a fez cair em prantos.

Nuñez afastou-se. Queria muito ficar num lugar solitário, onde os prados fossem lindos, com narcisos brancos, e ficar lá até o momento do sacrifício; mas, enquanto andava, ergueu os olhos e reparou na manhã, naquela manhã que mais parecia um anjo vestindo uma armadura dourada, descendo pelos picos...

Parecia que, diante de tanto esplendor, ele e esse mundo dos cegos lá no vale, e seu amor e tudo o mais não passava de um antro de pecado.

Não voltou para o vale, como pretendia, mas continuou andando e passou direto pela muralha circular e saiu dali, subindo as rochas, os olhos sempre contemplando o gelo e a neve iluminados pelo sol.

Contemplou toda aquela beleza infinita e sua imaginação voou, passando por tudo o que, no futuro, teria de renunciar para sempre! Pensou naquele mundo tão grande e livre do qual tinha partido, o mundo que era seu, e teve uma visão das encostas que havia adiante, ao longe, onde ficava Bogotá; um lugar de tantas belezas exuberantes, uma verdadeira

glória durante o dia, um mistério cheio de luz à noite, um lugar de palácios e fontes e estátuas e casas brancas, que delicadamente surgiriam, lá adiante.

Pensou que daqui a um dia ou pouco mais, poderia descer por aqueles lugares, que pareciam cada vez mais perto e mais perto de outros caminhos e ruas movimentadas. Pensou na viagem que fizera pelo rio, um dia após o outro, vindo da grande Bogotá até o vasto mundo que ficava além, passando pelas cidades e pelas vilas, pelas florestas e por lugares desertos, pelo rio que corria, um dia após o outro, até que suas margens pareciam terminar e os grandes navios que vinham jogando água por todo lado e um deles chegou ao mar - o mar sem limites, com suas mil ilhas, suas milhares de ilhas e seus navios que poderia ver, vagamente, ao longe, ao viajar, sem cessar, por todo esse mundo ainda maior. E lá, por trás das montanhas, via o céu - o céu, não como um simples disco redondo, como se podia ver daqui, mas um azul imenso, em forma de arco, uma verdadeira imensidão onde as estrelas, girando, flutuavam...

Seus olhos começaram a observar aquela grande cortina de montanhas, cada vez prestando mais atenção a tudo. Então, se alguém fosse até aquela vala e até aquela chaminé lá adiante, poderia sair

bem perto dos pinheiros-anões, que pareciam uma plataforma arredondada e que iam subindo, subindo, mais e mais, atravessando o desfiladeiro.

E depois? Conseguiria vencer aquela ribanceira? Dali, talvez, pudesse encontrar uma subida para atravessar o precipício, por baixo do limite das neves perpétuas. E se não houvesse aquela chaminé, haveria outra, a leste, que o ajudaria a chegar onde desejava. E então? Então chegaria até o lado de fora, sobre a neve, cor de âmbar, e a meio caminho do pico daqueles lugares tão belos e desolados. E se a sorte estivesse a seu favor?!

Olhou de novo para a aldeia, então virou-se à direita e olhou novamente para lá, de braços cruzados. Pensou em Medina-Saroté, que agora parecia aquela menina distante. Virou novamente para a muralha de montanhas lá embaixo, onde viu o dia amanhecer. Em seguida, bem compenetrado, começou a sua escalada.

Ao pôr do sol, já tinha parado de escalar, mas estava longe do vale, em um ponto bem alto da montanha. Suas roupas estavam rasgadas, os membros manchados, cheios de sangue. Embora bastante machucado, deitou, como se estivesse bem à vontade e havia um sorriso em seu rosto.

Quando parou para descansar, o vale tinha o aspecto de poço, a quase uma milha abaixo dali. O vale já estava encoberto de névoa e de sombra, embora os picos das montanhas em volta do lugar onde descansava Nuñez estivessem todos iluminados como se ardessem em chamas. E havia, sobre as rochas próximas dali, pequenas luzes, muito belas, e ainda um fio cor de esmeralda penetrando naquelas rochas cinzentas. Havia também pequenos cristais piscando aqui e ali, além de um pequeno líquen laranja, cheio de detalhes que lhe pareciam extremamente belos, e bem perto do seu rosto. Sombras profundas e misteriosas cobriam o desfiladeiro, um azul se transformando em púrpura e a cor púrpura se dissolvendo numa escuridão luminosa e, acima de tudo isso, o céu infinito. Não prestou mais atenção em nada, mas ficou lá deitado, bem quieto, sorrindo como se estivesse contente, simplesmente por ter escapado do vale dos cegos, onde tinha pensado que seria o rei. O brilho do pôr do sol desapareceu e quando veio a noite, ainda estava lá, à luz das estrelas, frias e brilhantes.

# Ficha técnica:

A terra dos cegos

Tradução

*Antonio Deodato Marques Leão, Flávio Azevêdo Ferrari,  
Larissa Loureiro Pereira*

Revisão da tradução

*Sílvia Maria Guerra Anastácio, Lucia Terezinha Zanato Tureck,  
Susie Santos, Flávio Azevêdo Ferrari, Larissa Pereira,  
Raquel Borges Dias*

Roteirização

*Sílvia Maria Guerra Anastácio, Lucia Terezinha Zanato Tureck,  
Antonio Deodato Marques Leão, Flávio Azevêdo Ferrari,  
Larissa Loureiro Pereira, Raquel Borges Dias*

Revisão de roteiro

*Lucia Terezinha Zanato Tureck,  
Flávio Azevêdo Ferrari, Larissa Loureiro Pereira,  
Raquel Borges Dias, Stanley Serravalle*

Narração

*Daniel Calibam*

Técnico de gravação

*Leandro Pessoa*

Gravação no Estúdio PRO.SOM, Instituto de Letras da UFBA

Produção

*Sílvia Maria Guerra Anastácio, Lucia Terezinha Zanato Tureck*

Direção

*Sílvia Maria Guerra Anastácio, Lucia Terezinha Zanato Tureck,  
Leandro Pessoa*

Edição de áudio  
*André Tiganá, Fernanda Sgroglia*

Versão em MECDaisy  
*Raquel Borges Dias*



COLOFÃO

Formato	<i>14 x 21 cm</i>
Tipologia	<i>Georgia 12/18</i>
Papel	<i>Reciclato 75 g/m<sup>2</sup> (miolo) Cartão Supremo 250 g/m<sup>2</sup> (capa)</i>
Impressão	<i>EDUFBA</i>
Capa e Acabamento	<i>Gráfica Cian</i>
Tiragem	<i>400</i>

**Desenbahia**   
Agência de Fomento do  
Estado da Bahia S.A.

